



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00602013CE



Gaivato

Quinzenário • 12 de Julho de 2014 • Ano LXXI • N.º 1835 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Caridade

«QUANDO vejo alguma coisa que é preciso fazer, faço», revelou um dos nossos Rapazes em conversa comum, estando outro deles presente. De facto assim é. Tenho visto isso inúmeras vezes acontecer, deixando-me sempre admirado. As suas atitudes ultrapassam a responsabilidade moral que é devida a cada um, pela qual se cumpre o dever, elevando-lhe o conceito. Agir para obter o bem comum, sem ter a obrigação de o fazer, eleva esse gesto ao conceito de caridade, porque antecipa o bem sem ter sido chamado a fazê-lo.

Ser responsável é, só por si, qualidade difícil de encontrar; mas muito mais o usar de caridade. Se a responsabilidade advém do sentido do dever moral, a caridade nasce pelo desejo de amar.

A vida em comunidade, versus sociedade, traz consigo o dever moral da prática da solidariedade entre os seus membros. Mas, viver em amor fraterno, significa estabelecer uma relação de outro nível — é a experiência da caridade. O valor de ambas não se discute, mas a caridade está num patamar de valor mais alto.

O exercício da solidariedade manifesta-se num resultado de quantidade; o que resulta da caridade é de ordem qualitativa.

Sendo Pai Américo, como nós dizemos, modelo de caridade para os nossos dias, é-o precisamente porque não pedia quantidade mas qualidade: «Não peço pipas de azeite; peço lágrimas dele. Eu quero que seja fruto e produto de lágrimas tudo quanto entrar para a despensa do catraio.» E se por vezes recusou ofertas proporcionalmente pequenas a quem tinha muito de que dar, fazia-o não pela quantidade da oferta mas pela insatisfatória qualidade da mesma, à imagem do óbolo da viúva que sendo pequeno, em quantidade, foi superior a outras ofertas maiores, pela sua qualidade — ela deu tudo o que tinha, enquanto os outros deram do que lhes sobrava.

A caridade é humilde, não se mostra, ao contrário da solidariedade, que mesmo sem que o procure como um fim, tem necessidade de se mostrar. Ambas são um bem, mas de ordens de valor diferentes. Pior é quando são instrumentalizadas, outrora uma nos bailes de caridade e agora a outra nas políticas dos subsídios e do «comer para ajudar».

Este nosso Rapaz antecipa-se a fazer o bem, sem os outros darem por isso. Também sem que ele próprio dê conta, exercita a prática cristã da caridade, de dar com a direita sem que a esquerda o saiba. São gestos de alto valor que ficam no segredo, mas que «o Pai que vê no segredo» lhe dará a recompensa. Recompensa da mesma ordem de valor, que ninguém desconhece: amor com amor se paga. □

SINAIS

Padre Telmo



TEMOS 8 gatos. Cinco são amarelos e brancos, dois pretos e um de 4 cores. São lindos. Eles convivem com os nossos cento e tal rapazes e dois cães. Uma paz! Na refeição da noite ficam sempre presentes no chão da mesa do Padre Rafael e minha. Nós lhe servimos, no seu prato, da nossa refeição.

Já falei ao Padre Rafael que depois dos problemas da Casa tem de resolver o dos gatos. Ele sorri..., e os ditos continuam a brincar na relva do jardim.

Rezamos o nosso Terço no quadrado dos degraus. No centro estão o jardim e o lago. Entre outras flores são quatro roseiras. Hoje tinham dez rosas.

Há dias, uma senhora muito admirada:

— As crianças não estragam as rosas?

— Eles amam as rosas —, respondi.

As rosas são uma gotinha maravilhosa entre as maravilhas de Deus!

A beleza educa.

Fizemos um pequeno Retiro, para os que vão receber o Crisma, na casa da Carianga — que tem estado abandonada. A salalé tomou conta do contraplacado do forro... terrível este bichinho! Para ele, madeira dura é manteiga.

Os Rapazes querem reparar, pintar e expulsar a formiguinha.

Precisamos muito desta nossa casa (o Sabalalo) para nossas reflexões em encontros de fins de semana.

Hoje, almoçámos à sombra das acácias. O Mano-Mano rapou o tacho... como no tempo do Pai Américo faziam os «Batatinhas». Feliz este regresso ao repar do tacho.

O «Sida» é deficiente mental — logo a alcunha. Os rapazes não perdoam, apanham logo o ponto fraco.

Ele vagueia todo o dia pelos caminhos da aldeia e da fruta. Falo, ralho — ele sorri sempre. A sua alma é um sorriso permanente.

Que futuro quando crescer? Mais um a vaguear pelas ruas das cidades?

O progresso e elevação de um povo tem que ir às raízes — partir delas.

Somente barragens, estradas e arranha-céus não dizem, camuflam.

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

EM Casa todos os dias são dias da criança. Mas este ano foi realmente diferente. Não o dia, mas todo o mês. Todos os dias, da vida escolar à de Casa houve actividades que visaram a sua formação espiritual para mais baptismos, a escolar e de entretenimento. Houve até a inauguração do campo de futebol que, apesar de marcado desde 1992, nunca foi acabado. Não fosse uma doação de Itália em memória de um filho morto, não seria possível. Vai demorar a completar e a complementar com outros mais pequenos. Com o calor que Deus nos dá, faz muita falta uma piscina e, essa, talvez nunca venha a ser feita, pelas características do terreno rochoso e sujeito a pequenos sismos, pelas explosões nas pedreiras.

Tudo a pensar neles. Os baloiços renovados e pintados, protecções para a areia. Plasma grande no salão, para os jogos do mundial que mais lhes interessam. Algumas casas com televisores oferecidos, que há muito não tinham. Programas desportivos aos fins de semana. Festivais de música e dança aqui, por vezes,

no refeitório, por poupança de tempo. Oportunidades de se revelarem bons comunicadores, bons cantores, bons dançarinos, bons verzejadores e autores de música. Até os mais pequeninos quiseram experimentar exprimir-se, contagiados pelo mais velhos, bons contadores de histórias inventadas na hora. Até ao último dia foi um festival, sem descurar os deveres e obrigações de cada um e cada dia.

Mas isto faz-nos cair também em nós e pensar ao contrário do filho pródigo: quantos em nossa Casa têm pão com fartura e outros aqui perto e ao longe, nesta África explorada mais que nunca, morrem à fome. Quantos eventos, banquetes, simpósios, fóruns, assembleias internacionais e outros nomes que nada dizem e servem para os que nada têm. Tudo para os que tudo detêm: o poder e a riqueza em suas mãos. A pior doença e causa de tantas outras — a fome; a melhor vida e causa de tantas mortes — a riqueza. A força centrífuga da natureza passou aos seres humanos e parece imparável. Será que é? Pelo menos que alguns neste mundo a aumentam é certo. Que outros procuram desvendar o que

PENSAMENTO

Pai Américo

Servir, quer dizer, *dar-se*. Este verbo exclui todo o cálculo, toda a medida, todo o interesse, todo o cuidado de si mesmo. É activo, não é reflexo. Dar-se inteiramente a Deus, pelas criaturas, e então, mas só então, compreenderás o que o Mestre quer dizer com o *digno é o operário da sua mercê*.

in *Pão dos Pobres*, vol. II, p 133

há além deste, onde possam levar-se, também. Até que Deus chegue e diga basta, Ou até que a alegria da Boa Nova, qual sarça ardente, alimentada pelo gemido de todos os que sofrem, irrompa inflamada pelo mundo, desfaça as diferenças, derrame o calor do amor (Deus é só Amor) incendiando o mundo que se há-de voltar para o seu Criador, porque no mundo como diz o Papa Francisco “ainda há inúmeros sinais de sede de Deus, do sentido último da vida”. Faltam incendiários que espalhem a chama pelo mundo fora. □

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

CONTAS — Durante o ano de 2014, a nossa Conferência recebeu de assinantes e doutros leitores do Jornal O GAIATO um total 13089 euros, a que se juntaram mais 2463 euros de peditórios, feiras de angariação de fundos, subscritores e colectas. Distribuíram-se 4280 euros em apoios pecuniários e alimentação a famílias carenciadas, mais 4231 euros de comparticipação em despesas com medicamentos dessas famílias. Considerando mais 1389 euros de despesas diversas, nas quais se inclui a nossa comparticipação para o Conselho Central da Sociedade de São Vicente de Paulo, ficou um saldo positivo de 5652 euros. No ano anterior o saldo tinha sido negativo (menos 2417 euros).

Parte deste saldo já foi, este ano, para obras de reparação na primeira de uma série de casas do *Património dos Pobres* que estão e precisar deste tipo de intervenção. Agora, em Julho, vão começar obras de maior vulto numa segunda casa cujo custo deverá consumir o resto do saldo que transitou do ano anterior.

São estes os destinos que damos à ajuda que os leitores generosamente nos fazem chegar, mais que por aqui angariamos. Que Deus vos ajude pelo muito que mereceis — e que Ele nos ajude a nunca desperdiçarmos um cêntimo das vossas ajudas. □



DOCTRINA

Pai Américo

*Eu vim para salvar.
Do Evangelho*

JÁ era tempo de eu entrar firme e sereno nos andares da *Baixa* e topar novos casos de miséria sem me perturbar, nem estremecer, afeito como ando a lidar com gente pobre: mas não. Sento-me dentro, no meio de infinita caqueirada em infinito desalinho, ao pé de velhinhos de oitenta, que dormem no chão, enquanto netos acendem a luz, para mostrar à gente o recanto onde se deitam; e saio, arrepiado, a considerar que é muito mais infeliz o mundo que deixa cair no chão tantas vidas, do que estes pobres assim caídos — tão miseráveis, que nem sequer dão fé da sua miséria!

É ali que este pobre da *Sopa* queima as asas e anda depenado por esse mundo fora, agora com nova dívida, na compra de cobertores. É ali que ele te mete em despesas, com os gastos da colónia, e levanta o número dos gaiatos que a formam: trezentos e três até à data, mais duzentos no ano que vem. É ali, finalmente, ao pé de famílias do casebre de Coimbra, onde é tudo cem por cento abaixo de zero, excepto o número de casebres e de famílias, é aqui, Leitor amigo, que te debes desobrigar e fazer um exame sério de consciência, não vás tu ser culpado de tanta miséria; porque muitos que são fáceis em criticá-la, dificilmente se perguntam o que têm feito para a diminuir.

Eu não me mandes embora, como às vezes tens feito, às portas da tua morada, porquanto essa esmola para mim, defrauda o Pobre da dele; nem chames impertinência a zelo que tu não tens e a lágrimas que não sabes chorar — infeliz!

Do livro *Pão dos Pobres*. 2.º vol.

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

CONVOCATÓRIA — Nos termos do artigo 12º dos nossos Estatutos e para os devidos efeitos do artigo 10º e 11º, convocam-se os senhores associados para a Assembleia Geral Eleitoral, a realizar no Domingo 20 de Julho de 2014, pelas 09h00, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Leitura e ratificação da Acta da Assembleia anterior;
2. Apreciação, discussão e votação das contas referentes ao Exercício do ano anterior;
3. Apresentação, discussão e votação do orçamento e plano de actividades para o período 2014/2015;

4. Discussão de outros assuntos de interesse;
5. Eleições

Se à hora marcada não estiver presente o número de associados previsto no nº 1 do artigo 13º, dos nossos Estatutos, a Assembleia funcionará trinta minutos mais tarde, em segunda convocatória, com quaisquer número de associados presentes com direito a voto.

DIA DE PAI AMÉRICO — O encontro-convívio dos Antigos Gaiatos é já no próximo Domingo, 20 de Julho, embora todos saibamos

PAÇO DE SOUSA

Bruno Alexandre

ENCONTRO — Venho desde já informar a quem não tem conhecimento, que no próximo dia 19 de Julho, pelas 14 h 30, na Casa Diocesana de Vilar, Porto, irá acontecer a celebração do aniversário da nossa Obra, onde prometemos, para além de várias palestras e testemunhos, também várias animações dos Rapazes. Quem quiser comparecer terá a entrada livre e poderá trazer convidados.

BATATA — Conforme a disponibilidade que temos tido de rapazes, temos andado a fazer a apanha da batata, pois alguns estão nas escolas e os mais novos na praia. Mas temos os sábados de manhã onde há mais rapazes, em que vamos procurar adiantar o trabalho.

PISCINA — Também já abriu, depois dos rapazes terem andado a limpar e a rapar as ervas das laterais da piscina, para manter a limpeza da água, onde já se têm andado a divertir os mais velhos, sendo que os mais novos terão, mais tarde, a sua oportunidade. Esperamos que os dias contribuam para melhor divertimento.

PRAIA — Já começaram os turnos da praia, como é típico todos os anos. Tal como o ano passado aconteceu, começámos pelo turno dos mais pequenos.

Os dois rapazes novos, que vieram

PADRE AMÉRICO

Modelo de Caridade para os nossos dias

PROGRAMA

Abertura

Tema 1 — Na acção missionária da Igreja
— D. António Taipa

Apresentação dos Rapazes

Tema 2 — Na Providência de Deus
— Cón. Jorge Cunha

Lançamento do livro: «Padre Américo

- Itinerário Vocacional»

Intervalo

Apresentação dos Rapazes

Processo de Beatificação de P. Américo
— Mons. Arnaldo Cardoso

Tema 3 — Na Verdade do Homem em sociedade
— Dr. Abel Magalhães

Apresentação dos Rapazes

Tema 4 — Na preferência pelos fracos e desprotegidos
— Dr. Américo Mendes

Apresentação dos Rapazes

Encerramento

Celebração da Eucaristia

Moderador— Dr. Henrique Manuel Pereira

14h30 - 19 de JULHO
CASA DIOCESANA DE VILAR - PORTO

este ano pela primeira vez, já se têm andado a divertir e a aproveitar o bom tempo. Temos a ajuda do nosso antigo gaiato mais a sua esposa, que

já o ano passado tinham vindo, a Dona Guida e o senhor «Resende», a quem agradecemos pela sua colaboração. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

ENCONTRO DE ANTIGOS GAIATOS — A 29 de Junho, Domingo, ocorreu o encontro de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro, na nossa Casa. Nas vésperas, as coisas foram prontadas para que nada faltasse. Ao princípio da manhã foi o acolhimento fraterno e amigo, com tantas recordações. Pelas dez horas, foi a Eucaristia, na nossa Capela, na qual foi lembrado o nosso Pai Américo e todos os Padres, Senhoras e Rapazes que estão ligados à nossa Família, bem como todos os amigos e amigas desta primeira Casa da Obra da Rua. O almoço e a merenda partilhados decorreram bem no nosso modesto pavilhão, em ambiente de grande alegria!

AGROPECUÁRIA — Nas últimas semanas, orientados pelo sr. Pedro *Caldas* e o sr. Emídio, os nossos jardins foram mais embelezados: cortar relvados, tirar ervas daninhas e cortar sebes. Encontram-se princi-

palmente: na piscina, passadeira, em frente às oficinas, atrás da escola e da casa nova, no largo da nossa Capela e junto às alminhas (do nascente). Continuámos a limpar as ervas ruins na encosta em frente à rotunda Padre Américo, nos pomares de citrinos e à volta dos nossos muros. Na horta, sacharam-se as culturas, tirando-se ervas. O milho, na *terra nova*, está crescido e desbastámos vários pés. O batatal está bonito. Foi tirado sangue às ovelhas, para análises.

PISCINA — A época balnear começou a 29 de Junho, de tarde, com uns bons mergulhos, tão desejados, na nossa piscina. Antes disso, limpámo-la bem e encheu-se com água proveniente do *poço novo*.

PADARIA — Quando é necessário, o *Zé Pinóquio* e alguns Rapazes têm cozido fornadas de pão (sêmeas) com farinha que nos tem chegado.

que o dia exacto é a 16 de Julho (dia de Nascimento de Pai Américo para o Céu).

O programa é o habitual doutros anos, começando, logo de manhã, com a Assembleia da Associação; seguida duma singela romagem à nossa Capela, ao túmulo de Pai Américo, com uma deposição de flores; lembrando, também, a memória do nosso Padre Carlos e restantes entretanto falecidos.

Seguir-se-á, ao meio-dia, a Missa, celebrada pelo nosso Padre Júlio.

O almoço será partilhado com todos os gaiatos. Pedimos, encare-

cidamente, que nos confirmem as vossas presenças, para não haver desperdícios, em tempo de crise ainda se torna mais premente ter este cuidado. Também apelamos a que cada família traga uma sobremesa para partilhar no almoço.

Como também é costume, a tarde será de convívio e, claro, não terminará sem que a animação desportiva aconteça, finalizada com uma ida ao «cantinho mais bonito» da nossa Aldeia, para um banho refrescante.

Desejamos seja um dia para recordar; pois, o principal objectivo é conseguir um convívio o mais

É um trabalho interessante porque aprendemos um serviço importante e nós gostamos muito do pão cozido na nossa Casa, pois tem um sabor especial!

ESCOLAS — Já saíram os resultados escolares da maior parte dos Rapazes e foram razoáveis, do 1.º ao 9.º anos, nas várias escolas da zona. As matrículas para o próximo ano lectivo foram feitas. Precisamos mesmo é de cursos técnicos a partir do 6.º ano...

CONSERTOS — Os problemas de construção da nossa piscina, como nas tubagens e nos ladrilhos que se soltam, têm sido um quebra-cabeças. No poço novo, o motor avariou e teve de ser arranjado. O motor do moinho do milho também foi consertado. Na casa das máquinas, que precisa de ser remodelada, estancou-se provisoriammente uma fuga de água. □

familiar possível, em que a partilha e a sã convivência nos faça sentir que, com união, todos os esforços valem a pena.

Que a Associação continue no bom caminho, para ser um ponto de Encontro dos Antigos Gaiatos. Afinal, um dos grandes objectivos para que foi criada — impregnada do espírito de solidariedade, cada vez mais necessário, actuante nestes tempos cada vez mais parcos dos verdadeiros valores fraternais.

Façamos, nós todos, força para acreditarmos num futuro mais risinho. □

VINDE VER!

Padre Quim

Contemplação na acção

UM dos grandes pilares da nossa vida comunitária e da boa convivência entre irmãos, é o diálogo com Deus na Oração que assenta sobre a confiança. Essa confiança que Pai Américo descobriu nas entrelinhas das páginas da Sagrada Escritura, como a da criança que se sente tranquila nos braços do Pai. Confiança no poder da oração, na eficácia dos sacramentos, contrição dos pecados, são, aliás, uma tríade inseparável.

Vivemos no silêncio da nossa vida com as preocupações constantes de hora a hora. Nele escutamos o grito dos que sofrem as injustiças e o abandono. Nele encontramos-nos com o rosto de Deus no pobre cansado de sofrer as contrariedades de uma sociedade opulenta. Andamos de um canto ao outro da cidade em busca de solução. A nossa vida não se compreende — e não sei se algum dia debaixo do sol virá a ser possível — sem o dinamismo do serviço, com tal intensidade que me apraz resumir o quanto disse numa única palavra: Pragmatismo. Este, não no sentido que os teóricos lhe empregaram, mas

na busca de caminhos para dar dignidade aos que a perderam. No sentido da compreensão do amor de Deus extensivo aos pobres. Pai Américo encontrou-se, um dia, com o Mestre no silêncio e, mais tarde, descobriu-O no farrapão das ruas, no esfomeado, no pobre.

Temos as atenções viradas (neste primeiro dia de Julho mês da Obra da Rua), para o dia 16. Dia da nossa Festa! Pai Américo no Céu — e com ele Padre Carlos, Padre Horácio, Padre Luís e todos aqueles e aquelas que por amor aos pobres abandonados sangraram até ao fim na Obra da Rua — cantam um grande Ámen. E nós aqui, na terra, também. Os Rapazes preparam-se, primeiro espiritualmente e, a seguir, o necessário para uma festa no sentido material, conforme o nosso ideal de pobreza. Nunca desejamos ter mais do que nos é necessário para viver humildemente. A Obra é campo de trigo de Deus, nós somos operários. Nada, mais desejamos, senão sermos bons operários deste campo de trigo, onde também o joio cresce. As actividades programadas para o 16 de Julho, por tradição nesta Casa

de Família, vão sendo preparadas com a expectativa de ver a rapaziada feliz no seu dia de festa. Os que estão em Casa e os que vivem lá fora, na sua autonomia. Estes nunca se esqueceram desta data, o que seria uma falta moral muito grande. Este ano, com o novo piso de asfalto que cobre o chão da avenida, sombreada pela frescura das mangueiras já só com folhas dado que o precioso fruto, à pedrada, desapareceu da nossa vista, os Rapazes anseiam por fazer rolar os patins, pela saudade que o polivalente deixa, agora quase esburacado e inadequado para a patinagem.

O «Paz» foi trabalhar para os barcos petroleiros, por agora na Índia em preparação. Era ele o artista para estas actividades festivas, um grande talento. Desenho e decoração passavam por ele. Antes de partir, indicou-me os seus discípulos e é com estes que a arte continuará a brindar-nos. Tudo feito por eles e para eles, porque a Obra é deles e não dos estranhos.

O Venâncio e o Germano são dois amigos bem animados e vão vencendo as crises da adolescência com equilíbrio no comportamento, andam na vacaria, nas horas em que não têm aulas e já

sabem ordenhar as vacas, porque a nossa ordenha mecânica avariou, faz tempo. Mas com a preparação da Festa, andam a comprar as bicicletas de pedal para o concurso nas vésperas. As que tinham sido recuperadas, estão outra vez avariadas. Vieram dizer que andaram com elas a passear pelos terrenos da aldeia. Vamos compô-las outra vez. É a nossa vida sempre a recomendar, antes de terminar! Assim se fazem homens de bem.

É pela familiaridade simples destas vidas criadas que os pequeninos chegam, mais tarde, à intimidade do Criador. □

SINAIS

Padre Telmo

Continuação da página 1

Notas do passado

OUTRA vez no Bairro de Miragaia. Afinal não são cinquenta escadas — com há dias referi — são duzentas até à marginal do Douro.

Não são, porém, os degraus — as dores das Criaditas dos Pobres... sim, as angústias dos irmãos. E são tantos! Falo hoje desta: Aquela mãe doente e dolorosa, porque sua filha, menor e anormal, teve um bebé... as suas lágrimas são calhaus rolados a sair dos olhos. Tanta pena me fez esta mãe no seu leito, onde aconchega o neto e um filho!

Há quem diga que o Douro, no fim

da sua caminhada, fica triste — talvez por todas estas lágrimas roladas que descem da Ribeira, do Barredo e de Miragaia.

«Pobres tereis sempre convosco.»

Sim, porém, o Senhor é contra a degradação, a miséria e a promiscuidade. E nos ordena, claramente, que deitemos a mão. Não com paliativos que se esfumam nas águas do rio: Urgente — uma ordem inteligente e justa, um tratar seriamente os problemas.

Se muitas vezes é o problema da fome, muitas outras é o álcool, o jogo e a impunidade de tantos pais que sacodem mães e filhos, ou mães, os filhos e os maridos.

Ainda hoje, uma Senhora nova nos bateu à porta a pedir, com lágrimas, que admitíssemos três filhos que o pai deixou — fugindo com outra mulher.

Só tinham o ordenado dele. Os vizinhos têm ajudado, mas vão cansar-se.

O que será mais prejudicial para a sociedade — o roubo dum automóvel ou o abandono de três filhos?

Os lares desfeitos são fruto e sinal da crise da família, de tantos casamentos levianos e dum virar costas aos princípios cristãos.

Que não se esperem outros frutos duma sociedade afastada do seu Deus.

«O Gaiato», 1046

SETÚBAL

Padre Acílio

Banda

UMA delegada da Direcção da Auto-Europa convidou a nossa banda para abrilhantar a visita que a Administração alemã e o Presidente daquela República Federal, mais o nosso Presidente da República, efectuariam àquela fábrica de automóveis, em Palmela.

O apelo não podia ser rejeitado por milhentas razões que toda a gente adivinha.

Esclarecemos que há uma ligação afectiva entre os dois estabelecimentos, pelo carinho que aquela fábrica, há muito, dedica à Casa do Gaiato e pelo facto de alguns antigos gaiatos serem operários distintos naquela construtora de automóveis.

É uma relação que muito nos honra, quer pelo prestígio da fábrica, quer pelas qualidades dos seus trabalhadores, a qual desejamos cultivar de forma crescente.

Recebidos com todas as atenções, foi-nos reservado um espaço, no fim das duas linhas, onde os automóveis novos, saíam prontos, minuto a minuto.

Era ali, que deviam concentrar-se, para os respectivos discursos, as altas personalidades com as suas comitivas.

Tomando posição, em cadeiras de assentos forrados a vermelho, entre passagens contínuas de carregadores mecânicos, os Rapazes foram aquecendo e afinando os instrumentos, enquanto observavam também a azáfama atenta daquelas centenas de homens, cada um no seu posto, a executar



A nossa banda, com os Presidentes de Portugal e da Alemanha.

a respectiva tarefa e as linhas, andando a velocidades irregulares, a despejar, acabadas, as magníficas viaturas.

Os discursos foram sintéticos e esclarecedores.

Gostei de ouvir, da boca do Presidente alemão, a referência elogiosa ao bom entendimento da direcção da fábrica com a comissão de trabalhadores e o resultado desse acordo para o progresso comum.

Quem dera que, em todas as empresas, acontecesse assim uma compreensão mútua! Ai! Não haveria guerras financeiras e, muito menos, falências desastrosas a engrossar o infeliz rio caudaloso do desemprego, criando uma pobreza evitável e

afugentando, desta terra bendita, tanta mão-de-obra qualificada, para enriquecer ainda mais outros países, num suicídio nunca visto da economia portuguesa.

Findas as falas, os Rapazes, arrancaram com dois números muito alegres e, quando preparavam o terceiro, foram surpreendidos pelo Presidente da Alemanha, com a sua esposa, seguidos pelo professor Aníbal Cavaco Silva, os quais deixaram as comitivas e a segurança, para, repentinamente, serem fotografados com a banda. O batalhão de jornalistas focou, de imediato, as máquinas fotográficas para a inesperada cena e registou a alegria comum dos grandes e dos pequenos!

Uma maravilha que eu nunca, na minha vida, havia sonhado.

Os Rapazes tocaram, não só para os presidentes, mas também para muitas centenas de trabalhadores, largas dezenas de jornalistas e muito público.

Como foi bom para a Obra aparecer desta maneira nestes ambientes! Como estimula os rapazes e lhes abre a cabeça, rasgando horizontes! Como despertou alegria em todos os trabalhadores e lhes transmitiu uma imagem nobre da Casa do Gaiato e do valor feliz do seu projecto natural e sobrenatural.

Este acontecimento foi possível com a colaboração da Humanitária de Palmela, os seus professores e a sua Presidente.

Uma Obra que não recebe um cêntimo do Estado, paga o IVA de quase todos os produtos que consome, é chamada a alegrar os Chefes de Estado!

Eu te bendigo, ó Pai!

Praia

PREPARAMOS as nossas férias na Arrábida.

A piscina da Casa foi consertada de duas largas rachas e vedada. Esperamos que não perca mais água.

A pintura ainda entrou nos nossos sonhos, mas não foi possível. Fica para o ano que vem.

Abrimos, também, um vazador natural para que seja despejada, rápida e economicamente, pela força da gravidade.

Os milhos estão sachados, as colheitas da Primavera arrecadadas, os pomares com as caldeiras feitas e as ervas mortas.

Os exames estão a acabar. As aulas suplementares, no seu termo e quatro raposas nos seus covis!

Não chumbaram muitos. Entre os quarenta, apenas quatro não transitaram de ano.

A Arrábida, com o seu magnífico ambiente de rio azul e praias douradas, aguarda metade deles em Julho e outra metade em Agosto.

Dois pequenos botes e uma canoa de fibra serão os instrumentos necessários para a delícia de amanhar o oceano e lhe extorquir, sem ninguém ver, uns pequenos peixinhos! □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O conserto da casa B22 da Rua do Antigo Olival levou-me a um bairro clandestino, onde se refugiam dezenas de famílias, na sua maioria, africanas.

O aglomerado de barracas não me era desconhecido, pois já o visitara várias vezes, com a finalidade de levar comida àquela gente. Todavia, nunca entrara em nenhuma das habitações.

Ora, o pedreiro, que se responsabilizara pelo conserto da casa referida acima, mora neste conjunto de barracas.

A Câmara deu-lhe, agora, uma casa meio destruída, no segundo andar, de um bairro social não problemático e ele quis que eu fosse observar onde vive e para onde se transferiria após a recuperação do segundo andar.

O bairro de barracas, instalado no terreno de uma antiga fábrica, foi crescendo à medida que as pessoas foram chegando das chamadas antigas colónias portuguesas.

Predomina a cobertura de fibrocimento. As habitações são muito baixinhas. Quase precisamos de nos curvar dentro de cada uma delas. No Verão, as noites devem ser quentíssimas e, no Inverno, geladas.

O pedreiro quer sair de lá, quanto antes, por todas as inconveniências, mas, entre elas, por causa do barulho à noite, dizendo-me: — *Quem trabalha de dia precisa de descansar à noite e aqui há sempre festas, todas as noites, até às tantas.*

Conheço, nesta Península de Setúbal, alguns bairros semelhantes e ainda mais aglomerados de gente africana e verifico ser verdade o desabafo. *As noites são muito barulhentas.*

O homem pediu-me ajuda para o chão e as paredes da cozinha da sua nova casa. É uma divisão grande que serve, ao mesmo tempo, de sala de jantar.

Sim, senhor. Comprei-lhe os ladrilhos, os azulejos, o cimento-

cola, o betume e dei-lhe trabalho para recuperar, com o seu pintor, quatro andares de rapazes nossos, para quem o *Património* ajudou também na compra da casa. Andares muito baratos, em prédios antigos, com a necessidade de uma reconstrução e pintura.

As canalizações e as casas de banho são totalmente renovadas.

Entre os nossos, há pessoas que nunca seriam capazes de adquirir uma morada própria. São os mais pobres.

É minha obrigação olhar por eles e a sua futura família, pois a Obra da Rua, que vive para ajudar os pobres com os meios que Deus nos dá, tem uma finalidade muito específica, que é estancar algumas fontes de miséria!

Às famílias, o *Património* garante, com a habitação, a sua dignidade. Na Casa do Gaiato, dá tudo por tudo, para fazer de cada rapaz um homem, mas há sempre rapazes, a quem é necessário ajudar para erguerem a cabeça.

Assim, damos a mão a todos os envolvidos. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Por um pirilampo

DURANTE uma Eucaristia dominical, entrou um pardalito na Capela que quis participar e depois não atinava com a porta principal, desviando assim a atenção dos fiéis. Num almoço com a malta toda, foi a vez de uma simpática andorinha, com ninho habitual e recolhido, que veio visitar a comunidade e também, não nos querendo deixar, fazia toda a gente olhar para o ar. As aves do céu têm os seus ninhos, mas também se sentem atraídas a interagir com a criatura humana.

A pausa escolar é mais atreita à descoberta dos segredos dos reinos da natureza, pela pequenada que tem a felicidade de viver e conviver em ambientes fora das urbes. Com sabedoria, um venerando sacerdote deixou-nos esta dica: *os animais conquistam as crianças!* E de tal maneira que, se olharmos só ao nível da nossa estatura e não descermos até elas, não sentimos o encanto e o espanto da miudagem diante dos seres vivos, muitos deles minúsculos. O perfume das tílias e do jasmim atrai tanto as preciosas abelhas que os garotos, sem medos, as miram até à exaustão. Quando fazia a sua obrigação, o Madeira, sem meias medidas, esmagou uma vespa e desfez em pedaços um vidro da janela da copa. Ainda, temos transmitido ao grupito dos *anelcas* que o musgo é muito útil para não deixar crescer as ervas ruins, também nos empedrados. Um daqueles rapazitos, cujo nariz pinga como uma nascente, debruçou-se num esconderijo de formigas e, com os companheiros, deixou as vassouritas, deleitando-se a ver a azáfama de tal formigueiro.

Quando se *aproxega* o lusco-fusco, alguns miúdos, provenientes de zonas degradadas, fizeram tal festa quando deitaram os olhitos num pirilampo encrustado numa vetusta oliveira: um bichinho a dar luz na escuridão! O ser humano nunca chegará a conhecer todos os segredos e a infinitude da Criação! Contudo, a sua quota-parte de transpiração também é vital para despertar e desenvolver a natural inspiração. Espantadiços com o tal luze-luze, no silêncio da noite, tão desejado, também deitámos a nossa vista naquele quadro de beleza: olhinhos pequeninos e vivos focados numa luz pequenina!

Entretanto, levou-nos mesmo longe e Alto aquela natureza viva, pois chegámos assim a meditar no único fim da vida humana: a santidade! É, então, oportunidade de fazermos luz sobre um extracto de um belíssimo naco de prosa que o Padre Américo nos deixou, escrito depois do segundo conflito mundial e num salutar regresso às fontes. Como trilhou, desde cedo, o Caminho certo, esta luz não é para ficar debaixo do alqueire. Eis, na sua beleza, a única certeza:

Quantos santos sem canonização! Justamente hoje, à estação da Missa, preguei o evangelho do dia aos meus Rapazes e disse que não tivessem medo da palavra santo. Ser santo. E por aqui adiante, fui-lhes dizendo que em toda a parte, a todo o tempo, qualquer que seja a condição de vida, podemos desejar e abraçar aquele ideal: a cavar as terras, a bater ferro, a picar pedra, a fazer botas, a cortar pano, a advogar causas, a curar enfermos, a dizer Missa. Os rapazes escutavam, pasmados. Sim, prosseguia eu: Basta-te luz e força. A luz é tudo. Sem essa luz, nada. Eu sou a Luz. Nunca nenhum mortal se atreveu a dizer de si uma coisa tão simples! Essa luz, rapazes. Depois, força. Força para fazer o Bem e força para evitar o mal. Dois caminhos, duas forças. Finalmente, para não demorar os ouvintes, então, nem agora, os leitores, esclareci: o santo é o homem que vive na sua vida a Vida de Deus. Vive-a hora a hora a cair e a levantar-se, a prometer e a faltar, que isso é tudo quanto ele pode fazer. O resto vem de Deus.

Ora vejam lá onde nos conduziram os ditos bichinhos como o pirilampo, naquele entardecer do dia de S. Pedro e de S. Paulo, colunas da Santa Igreja, afinal uma grande minoria e fermento num mundo com mudanças velozes e cada vez mais interdependente e até inconsciente que, em cada cinco minutos, um cristão é assassinado por causa da sua fé. Isto é mesmo mais forte do que nos primeiros séculos do Cristianismo. Com tantos luzeiros, bebendo muitos deles o cálice do martírio, não podemos deixar de olhar e contemplar a única e verdadeira Luz! □

BENGUELA

Padre Manuel António

Tenhamos coragem!

HÁ uma dívida a que não devemos fugir, faz parte do compromisso fundamental das nossas vidas. Traduz-se nesta linguagem maravilhosa: *«Não tenhais qualquer dívida a ninguém, se não a de vos amardes uns aos outros, pois quem ama o seu Próximo cumpre a Lei. O Amor não faz mal ao próximo. No Amor está o pleno cumprimento da Lei».*

Quem dera esta pedra preciosa seja colocada no alicerce da sociedade! Por quem? Cada um de nós tem este compromisso, vivido na partilha do que somos e temos. Assim acontece, quando nos sentimos todos irmãos no meio das nossas actividades. O testemunho de Pai Américo que abriu o seu coração, onde foi plantada a árvore chamada Obra da Rua com todos os seus ramos, as Casas do Gaiato, o Calvário dos doentes incuráveis abandonados, o Património dos Pobres, o jornal O GAIATO, confirma a verdade revolucionária dum coração cheio de Amor. O povo viu e acreditou. Um dos frutos mais saborosos é a mudança das consciências no sentido das suas responsabilidades sociais.

Como teria sido possível, por exemplo, o caminho da nossa Casa do Gaiato de Benguela, ao longo dos seus 50 anos de vida? Só o Amor a fervilhar no coração do Povo. Por isso, a experiência do amor que gera confiança, alimenta também a Esperança. Deste modo, continuamos animados pela Esperança, nestes momentos difíceis da nossa vida, certos de que não hão-de faltar

as ajudas necessárias, vindas dos corações de cada um de vós. As centenas de filhos abandonados que encontraram, no berço da nossa Casa do Gaiato, o carinho com todos os meios necessários para serem filhos normais da nossa querida Angola, são o testemunho maravilhoso da eficácia da vossa ajuda. Por isso, queremos continuar. As situações de miséria, fruto do abandono familiar, continuam em grande multidão. Tenhamos coragem! Abramos o nosso coração para dar, na certeza de que não perdemos, quando damos por amor.

Sabemos que o acompanhamento no serviço educativo é o segredo do êxito desse trabalho. Por isso, o nosso esforço, a todos os níveis das actividades dos nossos rapazes, vai nesse sentido. Confiamos parte desta tarefa aos irmãos mais responsáveis. A escola, sobretudo no exterior da Casa do Gaiato, é um dos lugares mais necessitados deste acompanhamento. Um ou outro rapaz não vai bem. Por isso, o responsável foi à escola e, depois de informado, aplicou alguns castigos, em Casa. O castigo, bem ponderado e justo, é, também, saudável. Esperamos que o resultado seja bom. Os pais não devem desanimar com as falhas dos filhos. Muitos pais procuram-nos para acolhermos seus filhos, porque se comportam mal na escola e em casa. Damos-lhes o nosso conselho, mas não recebemos os filhos deles, pois a Casa do Gaiato quer ser a Casa de Família dos filhos sem família, abandonados.

Os resultados escolares dos que

frequentam a escola no exterior da Casa, para além das primeiras classes, não foram animadores para um bom número de rapazes, no primeiro trimestre. Não é motivo para desanimar. Pelo contrário, há que buscar novos meios para corrigir o mal. A Casa do Gaiato não é uma Casa de anjos, mas uma casa de filhos que vêm marcados pelo sinal do abandono. Deste modo, foi necessário mais cuidado no tempo de estudo preparatório para as aulas. O acompanhamento mais cuidado, juntamente com as palavras a chamar à responsabilidade, no presente e no seu futuro, é o remédio que esperamos seja eficaz. Sem dúvida, o serviço educativo pede muito esforço e perseverança, animados pela paciência. O educador há-de ter um coração de pai e mãe que ama, de verdade, os seus educandos, como filhos muito queridos. É este amor generoso que esperamos esteja no coração de cada um de vós, pronto para ajudar a nossa Casa do Gaiato de Benguela. □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Junho, 23.375 exemplares

Casa Dina

Depois de algumas limitações para aceder à Casa Dina, na Rua dos Mártires da Liberdade n.º 30, Porto, devidas a obras nas ruas circundantes de maior tráfego, informamos que já se encontra normalizada a situação. Os nossos Amigos e assinantes d'O GAIATO que lá se deslocam para deixar as suas ofertas e a sua contribuição para o nosso Jornal, onde também podem adquirir os livros da nossa Editorial, voltam a dispor dos nossos Amigos da Casa Dina, para mais comodamente nos fazerem chegar as manifestações da sua amizade.

Aproveitamos o ensejo para agradecer à Sr.ª D. Dina e seus colaboradores, esta nossa presença por seu intermédio, na cidade do Porto, complementar à do nosso Lar na Rua D. João IV, 682. Bem-hajam. □